

## Entre símbolos e relatos: a memória dos integrantes do Assentamento Conquista na Fronteira, de Dionísio Cerqueira-SC

João Carlos Tedesco\* e Kassiane Schwingel\*

Palavras-chave:  
MST  
Memória  
Consciência de classe  
Poder Simbólico

Resumo: Este artigo busca analisar a memória coletiva que se constituiu no Assentamento Conquista na Fronteira, principalmente em relação aos acampamentos pelos quais seus integrantes passaram. Tal Assentamento foi constituído em 1988, sendo formado por 35 famílias oriundas do Movimento dos Sem Terra e 25 famílias do município de Dionísio Cerqueira, local onde está o Assentamento. Embora dois grupos distintos tenham o formado, o que marca sua memória é a passagem pelos acampamentos. O texto baseia-se nos relatos dos interlocutores para compreender o que motivou a ida aos acampamentos, como eram as vivências nos acampamentos, como o Assentamento Conquista na Fronteira se constituiu e como vem funcionando. A partir desta compreensão, é realizada análise de algumas ideias e conceitos de Gramsci e Thompson, como consciência de classe, e também uma análise em relação ao poder simbólico, debatido por Bourdieu. É possível perceber que a vivência no acampamento foi decisiva para a formação de uma consciência coletiva, assim como se pode perceber a importância dos símbolos para o fortalecimento desta memória do grupo.

Keywords:  
MST  
Memory  
Collective consciousness  
Symbolic power

Abstract: This article seeks to analyze the collective memory which was the Settlement Conquista na Fronteira, especially in relation to the camps by which its members passed. This Settlement was established in 1988 and is made up of 35 families from the Landless Movement and 25 families in the municipality of Dionísio Cerqueira, where is the Settlement. Although the two groups have formed, which marks the memory of the group is passing through the camps. The text is based on the reports of the interlocutors to understand what motivated the way to the camps, as were the experiences in the camps, as the Settlement Conquista na Fronteira constituted and how come running. From this understanding, a review of some ideas and concepts of Gramsci and Thompson, as class consciousness, and also an analysis in relation to the symbolic power, discussed by Bourdieu is performed. You can see that the experience at camp was decisive for the formation of a collective consciousness, as we can see the importance of symbols to strengthen this group memory.

Recebido em 1 de agosto de 2014. Aprovado em 17 de dezembro de 2014.

### Introdução

O artigo propõe-se a refletir acerca do processo de constituição do Assentamento Conquista na Fronteira, localizado na cidade de Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina. Este Assentamento está ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e tem como data de criação o dia 24 de junho de 1988. Sendo assim, é uma experiência de 25 anos e com uma organização da vida e de trabalho com características específicas, pois as 60 famílias que o compõem vivem se baseando no trabalho coletivo. Porém, não é por isso que essas famílias estão alheias ao mundo globalizado, relacionando-se com ele de forma direta e indireta.

Embora este artigo trate da constituição do Assentamento, seu foco está na memória de seus integrantes, principalmente em relação aos acampamentos dos quais participaram. Este é um campo bastante rico em histórias pessoais e relatos de fatos da coletividade, mesmo porque fazem parte do local pessoas que passaram por diversos acampamentos do MST na década de 1980 e também pessoas que vieram de acampamentos constituídos mais recentemente. Esse fato aconteceu, pois a entrada e saída de famílias do Assentamento foi algo comum durante os seus 25 anos de história.

O que queremos demonstrar é como o poder simbólico exerce influência sobre o grupo de indivíduos, que recorre aos rituais coletivos como forma de revigorar

\* Professor do Mestrado e Doutorado em História da Universidade de Passo Fundo.

\*\* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

os ideais do grupo que formou o Assentamento. Além disso, demonstrar como a memória trabalhada de forma coletiva pode, no decorrer do tempo, fortalecer uma identidade grupal e gerar uma consciência de classe, até mesmo para os indivíduos que não vivenciaram a situação de acampamento.

Nossa hipótese gira em torno do fato de que a memória partilhada através das narrativas e dos relatos dos assentados é determinante para a reconstrução de um elo entre os ideais construídos nos acampamentos e vivência no Assentamento Conquista na Fronteira. Entretanto, não basta apenas presenciar os relatos, mas é necessário dominar os símbolos e a linguagem do grupo, como forma de se integrar a essa construção. Isso explica o fato de que os integrantes do local, que não eram oriundos do Movimento do MST, tiveram grande dificuldade de se adequar ao modelo de vida e organização desenvolvido no Assentamento. Já os mais jovens, filhos dos assentados, embora não tenham vivenciado o acampamento apreenderam a simbologia e a linguagem do grupo devido à recorrência constante à memória coletiva, às místicas realizadas e à vivência de uma escola com pedagogia específica.

A pesquisa foi realizada durante alguns meses dos anos de 2011, 2012 e 2013, através de entrevistas com diversos interlocutores do Assentamento Conquista na Fronteira. Dentre eles, destacaram-se os assentados oriundos dos acampamentos da década de 1980, bem como aquelas pessoas que passaram a se integrar ao Assentamento no decorrer do processo. Porém, os indivíduos oriundos do município de Dionísio Cerqueira também foram ouvidos, relatando suas percepções acerca das dificuldades de integração iniciais e do Assentamento como um todo.

Acreditamos que o estudo das memórias, sejam elas individuais ou coletivas, é determinante para a compreensão de indivíduos e grupos, pois nelas estão implícitas sua visão de mundo e os significados que atribuem à sua história e ao território que habitam.

## **Década de 1980: acampamentos como alternativas de permanência no campo**

A região Oeste de Santa Catarina passou por um processo histórico diferente do restante do estado

catarinense, sendo a última área a ser oficialmente ocupada. Dessa forma, seus moradores também passaram por processos diferenciados, principalmente no que diz respeito ao acesso a terra. O Oeste de Santa Catarina era inicialmente habitado por indígenas e caboclos<sup>1</sup>, mas, como explica Renk (2004, p. 2), tais populações foram ignoradas pelos governos e também pelas autoridades:

A região em estudo passou a ser denominada Oeste Catarinense a partir do Estado Novo. Anteriormente nos mapas constava zona desconhecida, zona despovoada. Ora era o sertão nacional, contrapondo-se aos Campos de Palmas, ora era sinônimo de área inóspita e limítrofe (com fronteira internacional em disputa).

O Oeste de Santa Catarina, região onde os acampamentos são consolidados, teve seu espaço territorial definido a partir do início do século XX, especificamente em 1917, com a assinatura do Acordo de Limites. A partir disso, a colonização passou a acontecer. Essa ocupação do oeste catarinense foi comandada pelo governo do estado, mas gerenciada por Companhias de Colonização. Essas empresas traziam colonos para ocupar a região e torná-las produtiva e, em troca, recebiam terras e o direito de explorá-las.

A partir das Companhias de Colonização chegaram à região muitos filhos de imigrantes que já não encontravam terras suficientes para seu sustento no Rio Grande do Sul e também no Paraná. Originários de minifúndios e da produção familiar, os mesmos seguiram com este modelo de agricultura no oeste catarinense.

Entretanto, a partir da década de 1970, a região sofre grandes alterações, tanto em seu quadro econômico como nas relações sociais. Isso devido ao processo de modernização do campo posto em prática em todo o país, que acabou trazendo reflexos também para a região do Oeste de Santa Catarina. Com esta modernização, os agricultores precisavam realizar investimentos em suas propriedades, recorrendo a empréstimos em bancos. Em muitos casos o retorno financeiro não aconteceu e as propriedades tiveram que ser vendidas.

Também é na década de 1970 que são instaladas na região grandes empresas de produção integrada de aves. Com o incentivo do governo do estado, grandes empreendimentos agroindustriais foram implantados na região, destacando-se a Perdigão, Sadia e Aurora. Com

o intuito de promover o desenvolvimento da região, que venderia o produto já industrializado, tais empresas organizaram o sistema de produção de integração. Entretanto, o produtor viu-se preso às orientações e exigências da grande empresa para a qual produz.

Como consequência desse processo, a concentração da terra aumenta na região e também começaram a aparecer excedentes populacionais. A situação foi agravada pela mecanização e modernização da propriedade rural, o que acaba levando ao êxodo rural. A realidade do oeste catarinense aponta para as dificuldades enfrentadas pelos camponeses da região, o que acaba mobilizando para a luta pela terra.

Partir para um Movimento de luta pela terra era uma das poucas alternativas que se apresentavam ao camponês ou então continuar no campo como agregado ou assalariado. Porém, a decisão de seguir um Movimento era a única que trazia a perspectiva da terra própria, onde a vida se organizaria de acordo com sua cultura.

A luta pela terra encontrou grandes incentivadores e líderes no oeste catarinense, mas era nas bases dos Movimentos Sindicais e de grupos da Igreja Católica que a decisão de ocupar a terra se fortalecia. A partir de reuniões nas comunidades foram organizadas as primeiras ocupações de terra, na década de 1980.

No ano de 1983 a primeira ocupação foi realizada, na Fazenda Burro Branco, ocasionando a desapropriação da terra e assentamento das famílias. Já no dia 25 de maio de 1985, 1.659 famílias ocupam sete áreas em municípios da região Oeste de Santa Catarina, deixando claro que o Movimento de luta pela terra estava consolidado e que as ocupações e a construção de acampamentos eram a forma de luta.

Os relatos das dificuldades encontradas nas ocupações e nos acampamentos deixam claro de que, na década de 1980, os acampamentos eram vistos como uma grande alternativa para retomar a terra e a luta pela terra era vista como uma urgência.

## Os acampamentos

A decisão de fazer parte do Movimento Social e seguir para o acampamento vem de tentativas frustradas de ter acesso a terra e conseguir produzir minimamente para a subsistência. O acampamento torna-se um espaço

decisivo na luta pela terra, pois a sua criação deflagra a luta para o restante da sociedade e pressiona o governo para as desapropriações e a criação dos assentamentos.

Os acampamentos que deram origem ao Assentamento Conquista na Fronteira datam de 1985, quando uma série de ocupações simultâneas marcou a luta dos trabalhadores Sem Terra. O dia 25 de maio ficou conhecido pelas ocupações, principalmente em Abelardo Luz, no oeste catarinense, onde cerca de duas mil famílias participaram da ocupação.

Os acampamentos, seja em Abelardo Luz, Mondai ou Faxinal dos Guedes, não tinham a mínima infraestrutura. Eram barracos feitos de lona preta, com sanitários improvisados e pouca proteção da chuva e do frio, característicos dos meses das ocupações.

As dificuldades eram muitas, “mas é no mês de agosto que a situação dos acampados começa a ficar realmente crítica. Isso não quer dizer que até então não fosse, mas nesse período inicia o término da comida nos acampamentos e os Sem Terra começam a passar fome” (BAZOTTI, 2007, p. 47).

Apesar de todos os desafios enfrentados nos acampamentos, estes aparecem como um momento de extrema importância para os integrantes do MST, pois funcionam como uma espécie de preparação para o momento de assentar. Todavia, estando no acampamento as diferenças pessoais surgem e a convivência em um ambiente hostil nem sempre é fácil.

Além disso, as famílias não sabiam por quanto tempo ficariam acampadas e sob quais condições viveriam os próximos tempos. É comum ouvir relatos de pessoas que pensavam em desistir da luta pela terra, devido à lentidão nos processos de assentamento.

Os integrantes do Assentamento Conquista na Fronteira ficaram, em média, de três anos a três anos e meio em acampamentos. Após as primeiras ocupações em Abelardo Luz e transferência pra Faxinal dos Guedes, houve ainda uma segunda transferência para uma área em Itaiópolis. Como a área em Itaiópolis era nascente do Rio Itajaí, houve uma última transferência para cidade de Dionísio Cerqueira, no dia 24 de junho de 1988.

Porém, antes de assentar, aconteceram importantes processos de organização nos acampamentos.

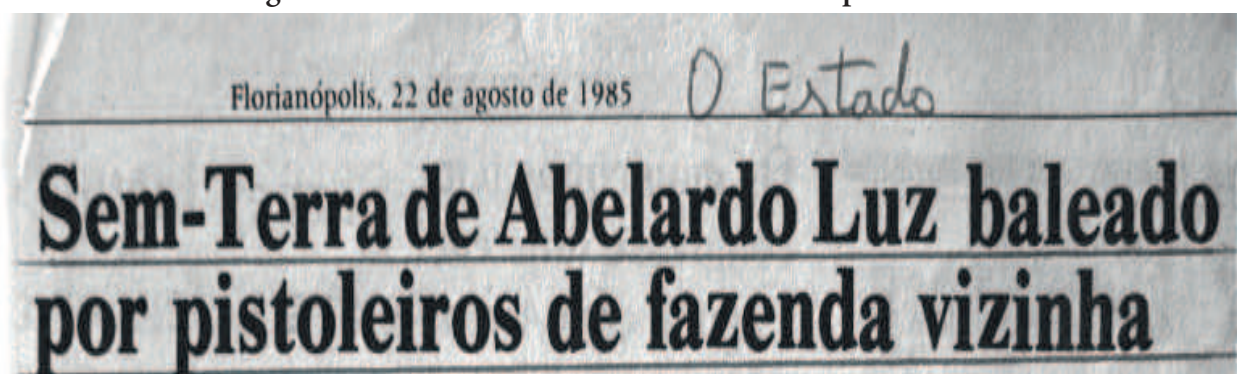
As lideranças que estão à frente no processo de ocupação continuam tendo papel importante dentro dos acampamentos. Esses eram responsáveis por buscar a conscientização das famílias e promover o diálogo sobre a forma que se buscava a terra e como nela se trabalharia.

As pessoas mais da linha de frente começaram a organizar de que forma a gente ia pra terra, “batiam” muito a gente trabalhar no coletivo e foi ali onde a gente saiu com a organização de 35 famílias que veio pra essa terra que tá aí hoje e a gente tá trabalhando no coletivo até hoje<sup>2</sup>.

contratavam pessoas para vigiar os limites de suas terras e impedir a entrada dos integrantes do Movimento Social. Caso o grupo tentasse algo, o pistoleiro tinha ordem para impedir da forma que fosse necessário, até mesmo matando as pessoas, como mostra a manchete do jornal a seguir (figura 1).

Mesmo constituindo uma fração social com muitas experiências comuns, os acampados tinham origens e valores diferentes. Muitas vezes, os preconceitos oriundos da própria família sobre determinada etnia e

Figura 1 – Manchete sobre violência nos acampamentos



Fonte: Jornal “O Estado”, de 22 de agosto de 1985. Acervo CEOM/Unochapecó.

Dentro dos acampamentos, a discussão não se limitava a pensar a situação vivenciada naquele momento, mas também projetar o que se queria para o futuro, quando se estivesse na própria terra. As famílias compostas por pessoas de menos idade ou que tinham menos filhos permaneceram por mais tempo acampadas e, conseqüentemente, aprofundaram mais as discussões.

Nos acampamentos, há uma participação bastante expressiva de organismos religiosos, principalmente ligados à Igreja Católica. A Igreja assume nos acampamentos dois importantes papéis: dá apoio aos acampamentos ajudando a suprir as necessidades básicas e debatendo ideias e também possibilita uma mediação para com o restante da sociedade que, até então, só sabem do MST e dos acampamentos o que as classes dominadoras querem que saibam. Destaca-se, nesse sentido, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), muito ativa nos acampamentos da região.

Havia também forças contrárias aos acampamentos e ao Movimento Social. As perseguições de pistoleiros eram uma forma de violência bastante comum, partindo dos próprios fazendeiros. Estes

seus hábitos, desencadearam desentendimentos entre os próprios acampados. Além disso, o próprio ambiente de tensão, visto que um conflito com a polícia ou os fazendeiros poderia acontecer a qualquer momento, fazia com que as divergências surgissem com maior facilidade.

O espaço do acampamento aparecia como o lugar onde existia a oportunidade para encontrar semelhanças entre seus atores sociais. Muito além das diferenças existentes entre os acampados, o acampamento mostrava o que havia de semelhante na história e na situação social das pessoas que o compunham:

Nesse tempo e nesse espaço, tem lugar um importante momento de constituição da identidade Sem Terra, de criação de um elo entre trabalhadores que têm em comum uma história de exploração, de miséria, de violência e de desilusão. Está em jogo a possibilidade de tornar a experiência do acampamento num aprendizado, o que significa dar sentido a ela, potencializá-la. Aprender significa “atribuir sentido a uma realidade complexa”. (CANÁRIO, 2000, p. 110).

Os acampamentos constituídos no oeste catarinense, na década de 1980, foram para os seus integrantes espaços de grande aprendizagem.



Principalmente por terem sido uma grande preparação para a constituição do Assentamento, visto que suas bases lá foram pensadas, discutidas e definidas. O trabalho coletivizado, por exemplo, existente no Assentamento Conquista na Fronteira há 25 anos foi analisado e idealizado ainda nos acampamentos e hoje se mostra como um importante diferencial para as famílias que residem no local.

## O Assentamento Conquista na Fronteira

O Assentamento Conquista na Fronteira foi consolidado no dia 24 de junho de 1988, recebendo o nome de Assentamento Tracutinga. O Estado definiu o nome oficial Tracutinga<sup>3</sup> vinculando a um elemento da natureza, mas os assentados adotam um nome que tenham relação com sua história de luta pela terra.

A área, que contava com cerca de 1.180 hectares de terras, foi desapropriada para fins da Reforma Agrária. Seu proprietário havia penhorado as terras e, por não cumprir com o pagamento, as perdeu para o Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ). Sendo assim, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) comprou a área do próprio banco e a destinou para a constituição de um assentamento, buscando amenizar os problemas que enfrentava com o MST e cumprir com sua missão que era viabilizar a reforma agrária.

Entretanto, vieram para o Assentamento não apenas os integrantes do Movimento do MST, mas também famílias do município de Dionísio Cerqueira, que não possuíam terras próprias. Das 60 famílias assentadas, 35 pertenciam ao MST e 25 famílias eram provenientes de comunidades do município, sem vínculo do o MST. Tendo formado as 60 famílias do Assentamento e a forma de organização do trabalho, o grupo opta pela permanência de dois grupos coletivos. Talvez o fato de manter dois grupos distintos no primeiro momento tenha sido importante para que não existissem tantos conflitos: “De começo nós tínhamos dois lados: o pessoal que trabalhava num pedaço de terra e o pessoal que trabalhava no outro. E daí foi conversando até que chegamos à conclusão de um estatuto e formar uma cooperativa. Mas foi boa a relação, não teve muitos problemas”<sup>4</sup>.

A justificativa para a permanência de dois grupos é dada por um interlocutor:

Eu sempre lembro do dia que se tomou a decisão que a gente ia começar com dois grupos, porque eram duas realidades totalmente diferentes (as famílias dos sem terra já tinham uma caminhada de 3 anos e um mês e o pessoal do município nem se conheciam entre eles e nem tinham a mínima noção do que era trabalhar no coletivo). Então, por esse motivo se começou com dois grupos. Mas no dia que se tomou a definição que nós ia começar com dois grupos, também se tomou a definição que um dia nós ia juntar eles. Mas o entendimento era de que, pra começar, era melhor em dois grupos, em função das duas realidades<sup>5</sup>.

No entendimento dos grupos, o que os diferenciava era o período em acampamentos, tratado pelo interlocutor como “uma caminhada de três anos e um mês”. O interlocutor fala que os agricultores oriundos do município nem se conheciam e não tinham noção do que era trabalhar coletivo, denunciando mais uma vez a caminhada de estudos e debates vivenciados pelos integrantes do MST no período dos acampamentos.

Os primeiros passos dados para a integração total dos dois grupos começaram em 1990, com a unificação do setor de apicultura. Passaram a comprar maquinário e insumos em conjunto, além de unificar outros setores de produção, como o gado leiteiro. A integração total aconteceu no ano de 1994, com a unificação de todos os setores e a criação de uma cooperativa (Cooperunião), que seria sua representação jurídica.

O Assentamento manteve na quantidade de 60 famílias, porém houve mudanças em sua composição. As trocas entre os integrantes do MST aconteciam no caso de mudança de um assentamento para outro. Segundo relatos, algumas famílias mudaram-se para assentamentos na região da cidade de Lebon Régis, mais ao centro do estado catarinense. Isso, devido à existência de parentes envolvidos na luta pela terra que teriam ganhado terras nesse local. Talvez essa também fosse uma forma de voltar ao trabalho individualizado, visto que nesses outros assentamentos o trabalho não era coletivo.

Um dos interlocutores comenta que há grande dificuldade ao entrar em um grupo coletivizado e que nem todas as pessoas conseguem se adequar a esse modelo:

Primeiro é essa mudança de comportamento que você precisa ter de pensar assim: agora não sou mais eu, somos nós. E você ter a responsabilidade de pensar por um conjunto

de companheiros, isso não é uma coisa muito fácil. [...] E também o ser humano é assim mesmo, não é uma coisa que está ali fixa, parada. As pessoas se movimentam. [...] Mas isso não preocupa, por que tendo essa compreensão, quando nós definimos o trabalho coletivo a gente já estipulou lá com muita clareza os direitos de quem entra e de quem sai, por ter essa compreensão de que as pessoas são assim mesmo<sup>6</sup>.

Percebe-se na fala do interlocutor que o grupo já tinha clareza de que haveria mudanças nas famílias que o compunham e por isso se preocuparam em expressar com clareza as regras para a entrada e saída de pessoas do Assentamento. Nesse sentido, ao entrar no Assentamento as pessoas tomam conhecimento do Estatuto por eles criado, onde está descrito, por exemplo, que apesar das terras estarem em seus nomes não é permitido a sua venda, pois as mesmas pertencem, de fato, à coletividade.

retiradas do Assentamento Conquista na Fronteira, por não seguirem as regras da coletividade.

Atualmente, a organização do Assentamento está baseada na Cooperunião. A cooperativa divide-se em setores de produção, comissões de atuação social e política e núcleos de estudo. Todo cooperado está envolvido nesses três setores, de acordo com suas opções pessoais, para facilitar a adaptação de todos. Para melhor compreender, em seguida está uma imagem (figura 3) do quadro organizacional da cooperativa.

Como órgão máximo da cooperativa está a Assembleia, que deve contar com todos os cooperados, tendo na maioria em votação sua participação democrática. As decisões determinadas em assembleia devem ser cumpridas por todos. Logo após a Assembleia está a direção coletiva, que são as pessoas que coordenam o funcionamento da Cooperunião.

**Figura 2 - Foto Aérea do Assentamento Conquista na Fronteira**



Fonte: Acervo Cooperunião, 2006.

Das 25 famílias pioneiras oriundas do município, oito ainda residem no Assentamento. Já das 35 famílias pioneiras do MST, 14 ainda estão residindo no local. Em termos gerais, das famílias que residem no Assentamento hoje, 36,67% faziam parte dos pioneiros do local. Os motivos para as desistências poderiam ser os já citados, mas também existiram casos de famílias que foram

Dentro da cooperativa há uma produção bastante variada. Os setores da produção organizam-se em equipes de trabalho, sendo elas: subsistência e reflorestamento, bovinocultura, avicultura, administração social e grãos. Com esta produção variada, a alimentação dos cooperados é garantida na partilha da produção.

Figura 3 - Foto do quadro organizacional da cooperativa Cooperunião



Fonte: Acervo de pesquisa de campo em 2011.

Além da organização para o trabalho, há uma organização social. As comissões são encarregadas de exercerem tarefas relativas como na educação, saúde, esporte e lazer, animação e grupo de jovens. Todo integrante da cooperativa faz parte de uma destas comissões, para contribuir também na vida social dentro do assentamento. Com funções bastante específicas, estas comissões apresentam diferentes tarefas: auxiliar no acesso à saúde pública, organizar momentos de recreação, oportunizar momentos de formação, integrar a comunidade.

Participando de um grupo de trabalho e de uma das comissões, o cooperado também deve fazer parte de um núcleo de estudo. Esses estão organizados conforme a proximidade das residências. A função dos núcleos é promover os debates sobre os assuntos que serão lançados em assembleia, para que todos possam melhor compreender o andamento da cooperativa. Além disso, os núcleos são uma forma de garantir a participação efetiva de todos os cooperados.

Em relação à saúde, há uma comissão específica para orientar em relação à saúde dos integrantes do Assentamento: “Na comissão de saúde se trabalha mais

voltado pra questão natural, buscando a prevenção e não mais essa parte da medicação química, mas também dá acompanhamento no atendimento externo, no acompanhamento hospitalar e odontológico”<sup>7</sup>.

O trabalho com as ervas medicinais foi uma opção do grupo, muito influenciado por suas próprias origens culturais, visto que todos os assentados vêm do meio rural, onde há tradição do uso de ervas medicinais. Para que este trabalho acontecesse, foi criada uma horta comunitária onde estão, além das verduras, as ervas medicinais. Os integrantes da comissão de saúde cuidam das ervas e as distribuem conforme a necessidade de cada um.

Assim como a saúde, a educação também conta com uma comissão específica. Esta comissão foi criada para acompanhar os trabalhos desenvolvidos na escola e promover inferências na mesma, bem como dar suporte para os alunos que já precisam se deslocar do Assentamento para estudar. Dentro do Assentamento Conquista na Fronteira está localizada a Escola Construindo o Caminho, que atende as crianças até a conclusão das séries iniciais do Ensino Fundamental, vinculada a educação municipal.



A forma de organização coletiva da força de trabalho, dos meios de produção e a propriedade coletiva sobre a terra fazem com que a organização social exerça forte influência sobre a educação.

A partir da coletividade no trabalho e na produção, as famílias, por meio da cooperativa, administrada pelo próprio assentamento, perpassam em todas as relações, principalmente na educação, a dinâmica do coletivo com atividades voltadas para essa filosofia pedagógica. (FONTANA, 1999, p. 100).

Dentro da escola fica clara a influência da organização da comunidade, pois a própria escola conta com comissões. Nessas, os alunos são desafiados ao comprometimento com o coletivo, envolvendo-se em tarefas cotidianas importantes para o funcionamento da escola.

Percebe-se a importância da participação social, pois a comunidade ajuda a escolher os temas prioritários para a escola. Através de núcleos de debates e discussões em Assembleias, a comissão da educação constrói com a comunidade um plano de ensino para as crianças da Escola Construindo o Caminho. Até mesmo eventuais penalidades por atitudes que não são aprovadas são elaboradas em conjunto. Fontana (1999, p. 104) explica que:

Todas as penalidades e regras da escola estão escritas no Regimento Interno do Setor de Educação do Assentamento. As normas prescritas são originárias de discussões nos núcleos e aprovadas em Assembleia, portanto é por esse motivo que as crianças assimilam as eventuais penalidades.

Porém, essa influência da comunidade sobre a educação não se limita à escola do assentamento, ou, então, à educação básica. Após a conclusão do ciclo básico da educação, os jovens deslocam-se até uma escola estadual em uma comunidade vizinha, para então cursar o ensino médio. Nesse momento, o apoio da comunidade é fundamental, pois as diferenças entre os fazeres pedagógicos são tão grandes que muitos jovens querem desistir da formação escolar.

No entanto, adequando-se às diferenças do ensino no assentamento e do ensino regular tradicional, os jovens também têm a possibilidade de ingressar no ensino superior. Quando há este interesse, a própria cooperativa do assentamento subsidia a formação

superior. Os recursos da coletividade são usados para esse fim, por acreditar que a formação do jovem seja fundamental para a continuidade do processo coletivo do assentamento. Entretanto, o jovem, precisa também se comprometer em retornar ao assentamento para, com seus conhecimentos acadêmicos, contribuir para a qualidade de vida na comunidade.

Em relação aos desafios enfrentados pelo Assentamento Conquista na Fronteira hoje, pode-se perceber que são dois os grandes focos de preocupação em relação ao futuro: juventude e renda. Embora sejam focos diferentes, um está interligado ao outro, como explica o interlocutor:

Mas nós temos um desafio muito grande que é essa questão da sucessão. [...] Muitos jovens que nasceram aqui e se criaram já não estão mais aqui. E a gente precisa fazer com que a nossa juventude permaneça por aqui. Um grande desafio se dá no campo econômico. [...] E as necessidades dos jovens hoje são muito diferentes das nossas. Nós somos daquele tempo que não tinha o telefone, a internet, nós não tinha carro, não tinha nada. Hoje todas as casas têm telefone, tem internet, tem carro. Tudo isso que você conquista te traz uma nova demanda. Eu quando era jovem me contentava indo em um baile quatro vezes por ano; a nossa juventude quer duas vezes por semana. E isso precisa dinheiro<sup>8</sup>.

Encontrar formas de manter o jovem no campo, com satisfação e qualidade de vida, além de conseguir gerar renda suficiente para isso são os grandes desafios para a continuidade do Assentamento Conquista na Fronteira. Entretanto, a própria memória coletiva e o poder simbólico podem contribuir para a manutenção desta importante experiência.

## **Os relatos e os símbolos: fortalecimento da memória coletiva**

O Assentamento Conquista na Fronteira depende muito das representações e do imaginário construídos por seus integrantes. Isso porque é formado por um grupo de pessoas que trabalha de forma coletiva e tem toda a sua vida regulada por regras comuns, costumes comuns e também memórias comuns.

A memória é evocada constantemente nos grupos que compõem o MST. No Assentamento



Conquista na Fronteira há rituais que marcam fatos importantes do passado para o grupo, por exemplo: o dia em que o grupo foi assentado, recebendo a terra em que hoje vivem, passou a ser considerado feriado e é o dia em que o grupo celebra esta conquista. Esta ritualização serve para marcar um fato histórico e deixá-lo latente na memória coletiva.

Esses momentos de reviver memórias coletivas ou repassá-los às novas gerações também são importantes para o fortalecimento de uma consciência de classe. Para trabalhar as questões subjetivas na formação de uma classe social, muitas vezes se recorre ao poder simbólico<sup>9</sup>. Esse poder pode ser reconhecido em diversos espaços do Assentamento, recorrendo sempre a ideia de um ideal comum, de algo que os une enquanto classe social. A figura 4 mostra o portal de entrada, onde está dependurado o grande facão, feito em madeira.

A parte do portal que está voltada para quem chega no Assentamento contém o seu nome. Já a parte

voltada para quem sai, contém a seguinte inscrição: “Da luta não meu retiro”. Em conversas com integrantes do assentamento, a luta é citada como um elemento de aglutinação e de manutenção da coesão do grupo. Ao ser questionado sobre esse símbolo na entrada do Assentamento, o interlocutor explicou: “Aquele facão lá fui eu que fiz. A gente não colocou como a gente quer trabalhar ainda, temos que tirar de lá e arrumar. [...] O facão hoje em dia, além de luta, é uma ferramenta do trabalho”<sup>10</sup>.

Nesse mesmo sentido, em frente à sede da cooperativa há uma grande placa, conforme é possível ver na figura 5.

Pela placa na figura 5 pode-se perceber a importância dada ao Movimento, uma vez que o mesmo é relacionado a uma família da qual seriam integrantes. Assim, o poder simbólico exercido através das inscrições e frases utilizadas nos locais de uso comum vão fortalecendo a ideia de uma classe social. Porém, não é apenas nos espaços coletivos que o Movimento ganha destaque. Nas casas de pessoas entrevistadas é possível perceber que

**Figura 4 – Portal de entrada do Assentamento Conquista na Fronteira**



Fonte: Acervo de pesquisa de campo junto ao Assentamento em 25 de outubro de 2013.

algumas imagens de ídolos comuns se repetem. Para exemplificar, trouxemos a imagem a seguir (figura 6).

No interior da casa de um assentado vê-se na parede três pessoas que, segundo ele, são os seus ídolos: Ernesto Guevara, Egídio Brunetto e D. José Gomes. O primeiro a ser citado é considerado um ícone pelo Movimento do MST, o que demonstra uma clara

desta memória através da preparação de peças teatrais, chamadas pelo grupo de “místicas”.

Ao selecionar os fatos a serem lembrados pelo grupo, priorizam-se também situações de dificuldade que o grupo vivenciou. São relembradas as oposições e as ideias preconceituosas enfrentadas, fazendo com que o ressentimento seja também uma forma de tornar a memória ativa.

Figura 5 - Placa presente no interior do Assentamento



Fonte: Acervo de pesquisa de campo em 2012.

influência da formação ideológico recebida através do Movimento. O segundo é citado pelos interlocutores como um dos maiores líderes do MST na região, era integrante do Assentamento Conquista na Fronteira e faleceu em um acidente de carro no ano de 2011. Já o terceiro, tantas vezes já citado, foi o religioso (Bispo da Diocese de Chapecó) de maior influência entre os Sem Terras no Oeste de Santa Catarina.

O que se quer reconhecer nesta breve análise é o fato de que as ideias e os valores reforçados no grupo de assentados, acabam influenciando em suas posições pessoais e em seus gostos. Nem sempre pode-se perceber este estímulo de forma clara, mas é aí que as questões simbólicas ganham força.

Ainda no sentido de formar uma memória coletiva, a escola parece desempenhar papel fundamental. Desde seu ingresso na escola, que funciona dentro do Assentamento, as crianças aprendem a história de luta pela terra, as bases do MST e podem vivenciar parte

Entretanto, é no sentido de exemplaridade que as memórias, buscadas através das lembranças, cumprem neste caso seu mais importante papel. Através das histórias e vivências de superação, cria-se um sentimento de pertencimento ao grupo e de crença nos ideais por ele defendidos. Esse sentimento despertado e suas definições em relação ao mundo podem ser entendidos como uma “consciência de classe”.

Ao tratar da concepção de classe social e coletividade, Gramsci (2004, p. 94) reflete seu pressuposto sobre o homem, como “[...] homem massa ou homem coletivo”. Para ele, o “homem massa” é aquele que adota uma postura muitas vezes acrítica e incoerente, pois se declara por uma personalidade indefinida. Na diversidade de facetas, preconceitos e dogmas, o “homem massa” acaba por não assumir uma identidade própria, muito menos visão de mundo própria ou de uma classe. Na noção de “homem coletivo”, o mesmo é definido por Gramsci (2004) como capaz de perceber e elaborar críticas sobre o

Figura 6 – Interior da casa de um assentado



Fonte: Acervo de pesquisa de campo em 26 de outubro de 2013.

“homem massa”. Além disso, o “homem coletivo” é capaz de transformar e ampliar o pensamento. Nesse sentido, o que parece ter acontecido no Assentamento Conquista na Fronteira foi a busca da formação do “homem coletivo”, aquele que é capaz de questionar a realidade social e buscar a transformação da sociedade.

Nós batíamos muito forte na questão da formação político-ideológica das pessoas, de transformar as pessoas. Transformar as crianças em pessoas críticas, não ser a vida inteira subordinado à grande empresa ou grande fazendeiro, ou seja, serem pessoas que, se errassem, estar sabendo que estavam errando e não por não saber<sup>11</sup>.

Esse trabalho de conscientização realizado no Assentamento foi dando origem a um grupo mais homogêneo, que conhecia a realidade social em que estava inserido, reconhecia os desafios a serem enfrentados e organizava-se para o enfrentamento. Apenas o reconhecimento dos problemas da sociedade não criava o homem coletivo, a sua práxis o definiria. Nesse sentido, o Assentamento não significava o fim de uma luta, como explica uma interlocutora: “E assim, como nós estamos assentados, a gente não para. A luta sempre continua porque tem muito mais companheiros que precisam”<sup>12</sup>.

A conscientização das pessoas em relação à realidade social e a forma como ela era percebida,

juntamente com a construção da noção de classe, caminham para uma consciência de classe. Essa seria a capacidade de se reconhecer como pertencente a um grupo social, com determinadas características e necessidades, além de desafios específicos a serem superados.

De acordo com Thompson (1987, p. 10), “A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”. A consciência de classe surge não somente nos estudos e leituras realizados sobre a sociedade, mas também no tratamento das situações cotidianas.

Nesse sentido, o conceito de “experiência”, trabalhado por Thompson (1987), ajuda a compreender a unidade do grupo. Segundo o autor, esta experiência não é apenas o vivenciar uma determinada situação, mas também a forma como compreender e agir perante a situação. Ele defende ainda que a experiência é um fator decisivo nas escolhas de um determinado grupo social. O conceito de experiência traz consigo a noção das vivências pessoais e da forma com que são vistas pelos sujeitos e por eles retrabalhadas:

Não vejo a classe como estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas



[...], a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica [...]. A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses diferem (e geralmente se opõem dos seus). (THOMPSON, 1987, p. 9-10).

Thompson (1987) percebe a classe social nas relações humanas e nas relações históricas, ou seja, uma classe social é composta por homens que mantêm relações entre si e que possuem experiências históricas em comum. Não necessariamente essas experiências sejam do presente ou estejam sendo partilhadas, podendo também ser herdadas de uma condição histórica anterior.

No trabalho de manutenção de uma memória coletiva no Assentamento Conquista na Fronteira, as experiências tidas, principalmente nos acampamentos, tornam-se importantes narrativas que reforçam o sentimento de pertencimento a uma classe social.

No caso dos integrantes dos acampamentos do MST do Oeste de Santa Catarina, as experiências em comum tratavam da dificuldade do trabalho no campo, da concentração da terra e da exclusão social. Formalizam-se como uma fração social da classe trabalhadora do campo a partir do momento em que se dão conta de suas similaridades e definem um objetivo comum: uma terra própria.

Os integrantes do Assentamento Conquista na Fronteira deram origem a uma classe social devido às experiências próximas que tiveram. Porém, detém a mesma experiência não apenas porque vivenciaram situações parecidas, mas porque conseguiram refletir acerca dela de forma parecida. Ou seja, as experiências não aparecem apenas de forma cumulativa, seguindo o padrão de ter mais ou menos experiências, mas também de forma qualitativa, analisando a capacidade de refletir acerca das experiências vividas.

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa (THOMPSON, 1981 apud GOHN, 1997, p. 204).

As experiências vividas, a simbologia desenvolvida e utilizada pelo grupo e o constante trabalho com a memória coletiva fortalecem a identidade grupal, permitem o sentimento de pertencimento a uma fração social específica e possibilitam a continuidade das experiências coletivas do Assentamento Conquista na Fronteira.

## Considerações finais

A memória coletiva envolve o contexto social, o meio, as representações sociais, os grupos étnicos e de pertencimento, as instituições enquanto comunidades afins. Nesse sentido, a memória coletiva existente no Assentamento Conquista na Fronteira foi constituída a partir de um contexto de luta pela terra, onde o homem do campo percebe a terra como um direito que lhe é negado, embora nem todas as pessoas que compunham o grupo possuam as mesmas origens étnicas, trajetórias de vida e de organização anterior ao assentamento.

Embora a origem inicial dos assentados não fosse a mesma, a passagem pelos acampamentos produziu uma experiência comum, o que acabou fortalecendo uma identidade grupal, baseando-se em valores coletivos. Essa experiência não significa apenas a vivência de situações parecidas, mas sim formas semelhantes de perceber a realidade e os fatos ocorridos, bem como a maneira de reagir diante deles.

Para que esta memória coletiva se solidifique são necessárias linguagens narrativas próprias, comemorações, rituais de pertencimento e integração. Em relação às linguagens, é possível perceber certa igualdade nas narrativas de fatos do passado, inclusive com palavras específicas que constantemente são utilizadas: “luta”, “caminhada”, “formação” etc.

Também marcam a memória coletiva os rituais e comemorações. Esses momentos são importantes, pois relembram o passado, principalmente as dificuldades encontradas na luta pela terra e nos acampamentos. Destacam-se as místicas realizadas, através das quais as pessoas rememoram o vivido e as novas gerações podem vivenciar, mesmo que de forma teatral, como eram os acampamentos.

A escola mostra-se como um espaço importante,

pois nela são trabalhadas questões específicas do Assentamento Conquista na Fronteira e a memória coletiva é constantemente evocada. O nome da escola, “Conquista na Fronteira”, já evoca a história de lutas, onde a escola se concretiza como mais uma conquista. Na própria escola existem diversos símbolos, que lembram experiências partilhadas.

O poder simbólico pode ser percebido nos mais diversos espaços do Assentamento: no posto de saúde que se chama “Setor de saúde Che Guevara”, na sede esportiva onde há o time de futebol “Estrela Vermelha” e também nos espaços privados, onde é possível ver diversos quadros de personalidades admiradas pelo grupo. Há bandeiras do MST em diversos locais, as pessoas usam camisetas e bonés do Movimento e o facão está no pórtico de entrada.

Esses símbolos presentes no Assentamento e a constante lembrança dos fatos do passado, além de reforçarem a memória coletiva acabam por despertar uma consciência de classe. O Assentado reconhece-se como parte do grupo, adota para si um determinado discurso da coletividade e segue os preceitos por ela definidos.

## Notas

1 O caboclo emerge politicamente na região no contexto da construção da estrada de ferro e do Movimento do Contestado. Muitos chegam ao Oeste Catarinense para a construção da rodovia que liga São Paulo ao Rio Grande do Sul, a qual gerou muitos conflitos, entre eles o de terras, constituindo-se numa das razões para a Guerra do Contestado, entre os anos de 1914 a 1916.

2 Celso Rabaioli, integrante do Assentamento proveniente de Abelardo Luz, em entrevista direta aos autores, em julho de 2012.

3 Tracutinga é a denominação dada a uma formiga da região, que anteriormente teria inspirado a definição da Fazenda que existia nesse local.

4 Celso Rabaioli, já mencionado.

5 Marcos Antônio Dreher, integrante do assentamento que veio a integrar-se por intermédio da Igreja Católica, em entrevista direta aos autores, em julho de 2012.

6 Paulo Acélio César, pertencente ao grupo dos pioneiros na terra, sendo inclusive a primeira pessoa a vir fazer o reconhecimento da área que viria a ser o Assentamento. Hoje, é vereador pelo município de Dionísio Cerqueira e continua residindo no Assentamento Conquista na Fronteira.

7 Valdir Martins, presidente da cooperativa Cooperunião, assentado no Assentamento Conquista na Fronteira e filho de assentados, em entrevista concedida no ano de 2010 e registrada no documentário “Conquista na Fronteira”.

8 Paulo Acélio César, já mencionado.

9 O termo “poder simbólico” é aqui utilizado referindo-se à conceituação elaborada por Pierre Bourdieu (1989), que o considera como a capacidade de intervir no curso nos acontecimentos, influenciar as ações e crenças de outros e também criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas.

10 Pedrinho Miotto, integrante do Assentamento desde a sua fundação. Em sua trajetória passou por três diferentes acampamentos, esperando por cerca de 3 anos até ser assentado.

11 Neudi Guindani, integrante do Movimento dos Sem Terra, morador do Assentamento Conquista na Fronteira. O mesmo exerceu papel de liderança nos processos de ocupação da terra e, atualmente, é uma liderança interna. Em entrevista direta, em julho de 2012.

12 Márcia Borba, integrante do Assentamento Conquista na Fronteira, líder na Comissão de Saúde.

## Referências

BAZOTTI, Angelita. **Assentamento Rosário e Conquista na Fronteira**: entre o coletivo e o familiar. 2007, Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

CANÁRIO, Rui. **Educação de adultos**: um campo e uma problemática. Lisboa: EDUCA; ANEFA, 2000.

FONTANA, Airton. **Construindo o caminho**: uma educação orgânica – Experiência do Assentamento Conquista na Fronteira. São Miguel do Oeste: UNOESC, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

RENK, Arlene. **Identidade comunitária**. Separata. Chapecó: Argos, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 3, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.